



**Abolindo o Tráfico Sexual: um projeto contra o tráfico de
pessoas para fins de exploração sexual**

Maria Victoria Di Giorgio Rodrigues

Professora Orientadora: Fátima Mello

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Abolindo o Tráfico Sexual: um projeto contra o tráfico internacional de pessoas para fins de exploração sexual

Maria Victoria Di Giorgio Rodrigues

Professora Orientadora: Fátima Mello

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Rio de Janeiro, 2020.1

Resumo

Pensava-se que a escravidão havia sido abolida - ela, no entanto, apenas tomou novas formas. Pessoas são traficadas diariamente para que realizem trabalho forçado, e isso inclui o trabalho forçado na indústria sexual. O projeto "Abolindo o tráfico sexual" busca conscientizar meninas e mulheres a respeito do tráfico internacional de seres humanos para fins exploração sexual, assim como ensiná-las a identificarem situações de risco e, dessa forma, conseguirem evitá-las.

Além disso, também realizaremos campanhas contra a prática da prostituição, já que entendemos que, caso não haja demanda, não há o porquê da oferta. O terceiro objetivo é o de criar mecanismos que contribuirão para a reinserção das vítimas na sociedade, assim como oferecer o suporte necessário quando elas retornarem do exterior.

Palavras chave

Tráfico Internacional de Pessoas; Tráfico Sexual; Prostituição; Conscientização; Reinserção; Suporte às vítimas.

Sumário

1. A ONG: Liberdade Brasil	5
2. O Projeto	5
3. O Tráfico Sexual	6
4. Objetivos	9
5. Atividades	13
6. Parcerias	20
7. Apoio Financeiro	21
8. Monitoramento e Avaliação	22
9. Orçamento	23
10. Referências Bibliográficas	25

1. A ONG: Liberdade Brasil

A ONG Liberdade Brasil foi fundada no Rio de Janeiro, em 2010, com o intuito de lutar contra as diferentes modalidades do tráfico de pessoas. O tráfico de seres humanos é considerado uma forma moderna de escravidão, e trabalhamos em projetos que enfrentam diferentes frentes neste sentido: tráfico humano para trabalho forçado, para servidão doméstica, para transplantes de órgãos e para exploração sexual. Acreditamos que todos os homens, mulheres e crianças merecem viver em liberdade, e lutamos para que assim seja.

2. O Projeto

O projeto "Abolindo o Tráfico Sexual" tem como objetivo diminuir os índices do tráfico internacional de pessoas para fins de escravidão sexual, assim como acolher as vítimas que retornam ao Brasil. Faremos uma menção mais frequente à mulheres, por elas serem maioria absoluta das vítimas nos casos do tráfico sexual (UNDOC, 2018), mas isso não significa que não acolheremos homens, também, caso algum deles se encontre nesta situação.

O projeto possui três frentes: a primeira delas diz respeito à conscientização. A maior parte das mulheres traficadas para o mercado sexual são vítimas de aliciamento - em grande parte dos casos, são ludibriadas com falsas promessas de emprego ou casamento pelo sequestrador, que se apresenta sob falsa identidade. Entendemos que muitos desses casos podem ser evitados caso as mulheres estejam atentas aos sinais e saibam reconhecer o perigo. Pretendemos, portanto, fazer campanhas de conscientização em locais que possam atingir vítimas em potencial: redes sociais, plataformas de ensino de idiomas online, escolas, igrejas e associações de moradores em comunidades, por exemplo.

A segunda frente busca desencorajar a prática da prostituição. Entendemos que todos os esforços possíveis para deter o tráfico sexual são fundamentais e esperados, mas eles não precisariam existir se não houvesse demanda pelas mulheres traficadas. A partir do momento em que existem homens dispostos a pagar por sexo, haverá uma indústria preparada para lucrar com a vontade deles.

Pretendemos, portanto, estabelecer *advocacy* e lançar campanhas conscientizadoras sobre os malefícios da prostituição, com o objetivo de desencorajar a prática.

A terceira parte do projeto, por sua vez, tem como objetivo acolher as vítimas de tráfico sexual que conseguiram escapar dos cativeiros e retornaram ao Brasil. Essas mulheres estão traumatizadas e fragilizadas, e na maioria das vezes, não encontram na sociedade o apoio necessário para que possam reconstruir suas vidas, chegando, em muitos casos, a sofrerem preconceito e distanciamento social. Nós pretendemos oferecer apoio psicológico, médico e jurídico, assim como auxílio à reinserção no mercado de trabalho. Além disso, também pretendemos providenciar abrigo emergencial às mulheres que chegam ao país sem terem local de destino imediato.

Nossa sede está localizada no Rio de Janeiro, na ONG Liberdade Brasil, e, para a fase inicial do projeto, as campanhas físicas ocorrerão em duas cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. Elas foram escolhidas por estarem entre as mais afetadas pelo tráfico sexual, assim como por questões logísticas. O projeto apresentado possui a duração de um ano e pretendemos, futuramente, expandi-lo para outros estados do Brasil.

3. O Tráfico Sexual

Muitos são os benefícios que a globalização trouxe ao mundo pós-moderno. Nunca foi tão fácil ter acesso à informação e aos avanços tecnológicos, por exemplo. Ao mesmo tempo, a facilitação do tráfego internacional de pessoas e mercadorias, acarretada pelo movimento globalizatório, também abriu portas para novas formas de comércio: as que ocorrem no extremo oposto da legalidade. O tráfico de armas, drogas e pessoas movimenta uma quantia exorbitante de dinheiro. Focando especificamente neste último caso, os responsáveis pela venda e escravidão de seres humanos chegam a faturar mais de US\$150 bilhões de dólares por ano. Dois terços desse valor correspondem ao tráfico sexual (ILO, 2017).

Quando fala-se em escravidão, o que vem à mente são provavelmente imagens de grandes fazendas de engenho, com dezenas de pessoas (em sua maioria oriundas de países africanos) dedicadas ao trabalho forçado. O que também imagina-se é que essa prática cruel e desumana tenha permanecido no passado, após tantos anos de luta abolicionista. Infelizmente, não é verdade. O que é, sim, verdade, é que mesmo que os navios negreiros e o aval institucional não mais existam atualmente, a escravidão está longe de se extinguir. Ela, ao invés disso, tomou formas diferentes - e plurais. A escravidão não tem mais idade, nem gênero, nem raça e nem nacionalidade. Existem (de forma extensa no Brasil, inclusive) estrangeiros trabalhando em formas análogas à escravidão, motivados pelo uso da violência ou de ameaças. Existem crianças traficadas para casamento forçado (HERZFELD, 2002). Existem adultas que se casam com estrangeiros de forma, sim, consentida, para depois descobrirem que eles não queriam esposas, mas escravas domésticas. Existem diversas outras formas de escravidão contemporânea, e há também a que vamos focar nesse projeto: a de mulheres traficadas para fins de exploração sexual.

Ao redor do mundo, as mulheres e crianças sofrem desproporcionalmente com a escravidão moderna - elas representam 28,7 milhões, ou 71%, do total de pessoas em condição de escravidão. Na indústria comercial do sexo, especificamente, as mulheres e meninas representam 99% das vítimas (ILO, 2017). Pobreza, desigualdade de gênero, analfabetismo e baixos níveis de educação, assim como conflitos regionais e falta de oportunidades de emprego, afetam as mulheres em grande escala, tornando-as vítimas em potencial. Essas condições são responsáveis por pressionarem as mulheres a migrarem e, conseqüentemente, elas se tornam particularmente vulneráveis ao tráfico (TZVETKOVA, 2002).

Existem vários motivos que tornam o Brasil um país popular quando se diz respeito ao tráfico de mulheres. Existem boas redes de comunicação, bancos, casas de câmbios e pontos de saída, como portos e aeroportos. O custo operacional é baixo, e o passaporte brasileiro oferece uma entrada facilitada, sem a necessidade de visto, em diversos países. A miscigenação racial e a hospitalidade do brasileiro também são fatores de relevância nessa questão. Outro

ponto importante é o de que, normalmente, os países de origem do tráfico de pessoas são países em desenvolvimento, com grandes índices de desigualdade social, já que a pobreza e falta de acesso ao mercado de trabalho são, comumente, motivos-chave para que as mulheres se tornem vítimas do tráfico (OIT, 2005).

No que diz respeito à forma como mulheres se tornam escravas sexuais, talvez, no imaginário popular, há algo relacionado à força física e sequestros-relâmpago. No entanto, na grande maioria dos casos, as vítimas entram nesse mundo ao serem ludibriadas com falsas promessas de emprego ou casamento. Algumas sabem que estão indo fazer parte da indústria do sexo, apesar de não terem noção de como serão exploradas, mas muitas vítimas chegam a afirmar que ocorre uma forma de lavagem cerebral por parte dos sequestradores, que costumam buscar mulheres vulneráveis psicologicamente e/ou socioeconomicamente.

Os anúncios geralmente são feitos a respeito de trabalhos como o de garçonetes, dançarinas, babás, recepcionistas de eventos, modelos e governantas, para citar alguns. São pouquíssimos os casos onde há alguma forma de contrato envolvido, e, dentro desses, na maioria das vezes ele está redigido em uma língua inexistente ou incompreensível para a vítima. Esse aliciamento é comumente feito pela internet, mas também existem agências falsas de emprego ou casamento, e métodos mais informais, como a proposta de trabalho que vem de um conhecido, ou de alguém que as aborda em bares, boates ou cafés (UN ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL, 1996).

O que costuma ocorrer nesses casos é que os sequestradores se dispõem a tomar conta de toda a logística - eles serão os responsáveis pela compra da passagem de avião e prometem hospedagem no local de destino, o que costuma ser muito atraente, já que, conforme dito anteriormente, muitas dessas mulheres encontram-se em situação de vulnerabilidade econômica e saem do país em busca de condições de vida mais favoráveis. Quando elas chegam lá, no entanto, descobrem que tudo isso vira uma dívida que precisam pagar de volta aos seus sequestradores, e precisam se prostituir até que o montante seja alcançado (UN ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL, 1996). Esse costuma ser justamente o ponto de congruência entre o sofrimento de quem vai sabendo que atuará no

mercado do sexo e as que não faziam nem ideia: nenhuma delas imagina, antes de chegar lá, o quão intenso é o nível de exploração que as espera.

No Brasil, a maioria das mulheres traficadas para o exterior são oriundas do Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás. Nos três primeiros casos, isso ocorre por serem os principais pontos de saída do país. Já com as mulheres goianas, profissionais que atuam na área acreditam que o aliciamento ocorre por elas terem um biotipo atraente aos clientes europeus da prostituição (OIT, 2005). É impossível ter dados exatos a respeito da quantidade de pessoas traficadas, graças à natureza do crime, mas de acordo com relatório da Eurostat (2015), o Brasil era o segundo país com mais vítimas de tráfico sexual na Europa, desconsiderando os membros da União Europeia. Foram 537 vítimas identificadas entre 2010 e 2012. O primeiro era a Nigéria, com 1.322 vítimas.

4. Objetivos

O objetivo geral deste projeto é diminuir o índice do tráfico de mulheres para escravidão sexual do Brasil para o exterior, assim como implementar programas de acolhimento às vítimas que retornam ao país. Os objetivos específicos são: 1) Aumentar a conscientização; 2) Realizar campanhas contra a prostituição e 3) Contribuir para a reinserção e dar suporte às vítimas que retornam do exterior.

4.1. Aumentar a conscientização

Conforme mencionado anteriormente, a grande maioria dos casos de escravidão sexual ocorre por meio de aliciamento. Apesar dos métodos de recrutamento serem variados, assim como os supostos motivos que os aliciadores utilizam para fazerem com que as vítimas viagem, quase todos eles consistem em mentir para as vítimas sobre o verdadeiro emprego, relacionamento ou e/ou condição com os quais as vítimas irão se deparar ao chegarem ao destino. Eles o fazem por meio da construção de uma intimidade com elas, que desenvolvem

confiança pelo sequestrador e, posteriormente ao ato do tráfico, uma dependência com seu "empregador" (UN ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL, 1996).

O tráfico de crianças também é uma questão muito séria, e, na maioria dos casos, não são grandes redes de pedofilia as responsáveis pelo sequestro das crianças, e sim indivíduos que trabalham sozinhos, e ocorre, em grande parte, por meio de redes sociais (LATONERO, 2011). Dessa forma, é primordial que os pais também estejam envolvidos no controle do que os filhos fazem na Internet, e que ajudem na conscientização das crianças a respeito dos riscos da superexposição e do contato online com pessoas estranhas.

Acreditamos que seja primordial, antes de tudo, ensinar às pessoas sobre o que de fato é o tráfico de pessoas para fins de escravidão sexual, e deixar claro que esse é um problema real e palpável. Além disso, precisamos expor as principais táticas dos recrutadores, de forma que ensinemos também como se proteger delas. Para este objetivo específico, portanto, nós propomos como atividades as campanhas de conscientização para que as pessoas possam reconhecer os sinais de perigo e evitem o contato prolongado com sequestradores em potencial, além de divulgarmos os canais de denúncia e as instituições às quais podem recorrer nesses casos. Muitas situações de aliciamento ocorrem de forma extremamente similar, como se os traficantes seguissem um manual de instruções, então uma das formas mais eficazes de evitar o crime é mostrando às mulheres, crianças e pais quais são situações que elas deveriam evitar.

4.2. Realizar campanhas contra a prostituição.

Quando se discute sobre o tema do tráfico sexual de pessoas, costumamos ver recomendações de campanhas para que as vítimas em potencial saibam como evitar o perigo, para que os policiais recebam treinamento adequado para lidarem com a situação e para que as autoridades governamentais implementem leis mais rigorosas, por exemplo. Mas o grande cerne da questão é: se não há demanda, não haveria porquê haver oferta. Se não existem homens dispostos a pagarem por

serviços sexuais (inclusive nos casos onde sabem perfeitamente que aquelas mulheres não estão ali por vontade própria), não existe razão para o tráfico sexual.

O comércio transnacional de mulheres é impulsionado por leis de oferta e demanda. Os países com grandes indústrias do sexo criam a demanda e se tornam o destino do tráfico, enquanto os países em que os traficantes recrutam mulheres com mais facilidade são os países de origem (HUGHES, 2000). Se a demanda por sexo pago é tão alta a ponto de fazer com que mulheres sejam sequestradas para isso, talvez o foco na diminuição dessa demanda devesse ser maior do que é. Carole Pateman (1993, pp. 20-21), teórica política e feminista, argumenta que teóricos como Hobbes, Locke e Rousseau, ao teorizarem sobre o Contrato Social, deixaram de lado uma discussão bastante importante. Ela acreditava que o Contrato Social surgia, na realidade, partindo de um contrato mais antigo: o sexual, que consiste em uma subordinação sistemática da mulher em relação ao homem e do pressuposto de que as mulheres não possuem liberdade natural. Ou seja, é a construção da base do patriarcado e da dominação do homem sobre o corpo da mulher.

A prostituição é um dos meios pelos quais os homens mantêm os termos do contrato sexual. Pateman (1993, p. 279) também argumenta que a prostituição é parte integrante do capitalismo, e, portanto, desde que um homem possa pagar pelo serviço, as prostitutas encontram-se facilmente acessíveis em qualquer nível de mercado. O debate sobre prostituição como forma de trabalho é antigo e polêmico, e como a própria autora afirma, qualquer discussão acerca disso está repleta de problemas complexos. Mas quando se coloca em pauta a dominação secular que o homem exerceu sobre a mulher e o peso que o ato sexual possui nessa relação, torna-se complicado enxergar a prática como um trabalho feito qualquer outro.

Entendemos que essa é uma questão sistêmica, envolvendo diversos aspectos sociais que já perduram há milênios. Mas também entendemos que é nosso papel conscientizar a população sobre as mazelas da prostituição - tanto no que diz respeito à emancipação feminina em termos políticos quanto em questões práticas, atuais e palpáveis: essas mulheres estão sofrendo. E, em grande parte dos casos, estão invisíveis.

"Profissionais da área médica, testemunhos de sobreviventes e pesquisas extensas demonstram que a indústria do sexo se baseia em desumanização, degradação e violência de gênero que pode causar danos físicos e psicológicos ao longo da vida àqueles explorados nas mãos de cafetões, traficantes e consumidores de sexo. A prostituição é uma prática prejudicial, rica em desigualdades econômicas e de gênero, que deixa um impacto devastador sobre os vendidos e explorados no comércio sexual." (CAWT INTERNATIONAL, c2020)

4.3. Contribuir para a reinserção e dar suporte às vítimas que retornam do exterior

A rota do tráfico é extensa e abrangente; no entanto, os dados mostram que os principais países de destino encontram-se na Europa (OIT, 2005). Isso faz com que o retorno de mulheres ao Brasil, ainda que extremamente traumático, represente uma ameaça um pouco menor a elas do que quando as mulheres são oriundas do Leste Europeu, por exemplo - uma região famosa por exportar mulheres para o tráfico sexual. Isso se dá, é claro, pelo fato de ser mais fácil que os membros das organizações criminosas persigam e encontrem as vítimas que escapam quando todos se encontram no mesmo continente, especialmente levando em conta que as fronteiras, para cidadãos europeus, não são tão burocráticas quanto as fronteiras entre Brasil e Europa.

Isso, no entanto, não quer dizer que o retorno ao lar será menos traumático. As mulheres que conseguem retornar, frequentemente ocultam suas experiências por medo de rejeição ou de represálias. Elas também se sentem intimidadas pela natureza do crime, o que contribui para a enorme subnotificação de casos. Apesar de muitas sofrerem com distúrbios psicológicos acarretados pelo trauma e problemas de saúde, por exemplo, assim como doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada, não são todas as que conseguem entrar em contato com ONGs, instituições ou redes de apoio (UN ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL, 1996) - o trauma, muitas vezes, fala mais alto do que o urgente e necessário pedido de ajuda dessas mulheres.

Existe o medo de represálias legais, ao falarem com autoridades, e de represálias morais, ao falarem com a sociedade. Existem os problemas

diretamente ligados aos traficantes: elas podem sentir medo de que eles se vinguem, caso elas resolvam falar, e há também os casos em que elas acabam desenvolvendo uma espécie de lealdade para com eles, o que representa um efeito colateral do abuso. Durante o processo do tráfico, também pode acontecer de as mulheres sofrerem com a perda de confiança em qualquer pessoa que seja, o que pode impedir que elas peçam ajuda. O trauma, assim como outros fatores, como o uso prolongado de álcool, drogas e remédios controlados, também podem acarretar na perda de memória das vítimas (OIM, 2009). Queremos garantir que exista um espaço seguro em que as mulheres vítimas do tráfico se sintam confortáveis o suficiente para que se permitam serem ajudadas.

O projeto, portanto, pretende disponibilizar apoio psicológico, médico e jurídico para as mulheres que retornam do exterior. O apoio psicológico para ajudá-las a processarem o trauma, o médico para amparar as vítimas que chegam machucadas e com problemas de saúde, e jurídico caso elas decidam por tomar medidas legais contra seus raptos ou qualquer outra pessoa e/ou entidade envolvida no processo do tráfico.

Também pretendemos disponibilizar abrigos emergenciais para as vítimas que chegam ao país sem um local de destino para o qual possam se direcionar de imediato. Além disso, entendendo que um dos principais motivos que levam as mulheres à exploração sexual é a vulnerabilidade econômica, consideramos necessário que haja apoio, por nossa parte, para a (re)inserção dessas mulheres no mercado de trabalho.

5. Atividades

A seguir, listaremos as atividades que serão realizadas dentro de cada um dos objetivos específicos.

5.1. Aumentar a conscientização

Campanhas online

O advento da tecnologia, a facilidade do acesso à Internet e o número crescente de usuários em redes sociais fazem com que a conexão e comunicação entre pessoas se torne cada vez mais intensa, mesmo se estiverem em países ou continentes diferentes. Isso, é claro, tem inúmeros benefícios, principalmente no que diz respeito à disseminação de informação e manutenção de laços afetivos com pessoas que estão distantes. Não podemos, no entanto, ignorar os riscos que o amplo acesso e o difícil poder de controle trazem aos usuários também. Redes sociais são amplamente utilizadas por sequestradores que buscam aliciar mulheres e crianças para o tráfico sexual (LATONERO, 2011).

É pela Internet que muitas mulheres encontram falsas ofertas de empregos no exterior, por exemplo, ou se apaixonam por sequestradores que fingem ser outras pessoas. De acordo com relatório da Shared Hope (2015), a Internet possui um papel cada vez maior no tráfico sexual de crianças dos Estados Unidos, também. Atualmente, classificados online são o principal local em que traficantes vendem sexo com menores. Esses sites oferecem anonimato e acessibilidade a indivíduos com tais demandas, e as vítimas costumam ser jovens traficadas. Além das redes sociais mais conhecidas e de sites de classificados online, como o Craigslist, por exemplo, outras plataformas que merecem ser utilizadas com cautela no que diz respeito ao risco de encontrar sequestradores em potencial são as de intercâmbio de línguas.

Por essa razão, faremos campanhas de conscientização online sobre como evitar o contato com sequestradores em potencial. Nosso intuito é divulgar as formas que os predadores costumam agir, para que mulheres e crianças possam desenvolver suas percepções e notar sinais de alerta. Eles costumam seguir um protocolo padrão, de fingirem ser quem não são e buscam estabelecer confiança. Mostrando a forma que atuam, conseguimos evitar que potenciais vítimas possam ser ludibriadas, já que saberão identificar os sinais. Existem alguns perfis específicos de pessoas que os sequestradores buscam, também, principalmente as que estão fragilizadas e deixam isso exposto em seus perfis, então também

conscientizaremos sobre como determinados comportamentos na internet podem ser fatores de risco. Isso é muito importante no caso das crianças e adolescentes, então essas campanhas não somente visam alcançar as pessoas que poderiam se tornar vítimas, mas também os pais de meninas jovens. As campanhas de disseminação de informação irão ajudá-los e orientá-los no controle do comportamento online dos filhos. No caso das ofertas de empregos, ensinaremos às pessoas como elas podem verificar a legitimidade das propostas de forma a só aceitarem trabalho no exterior se tiverem certeza de que é seguro e autêntico.

As campanhas serão divulgadas, além de em nosso site, em redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram, onde a disseminação de informação é facilitada, e iremos falar sobre os riscos não apenas dessas redes como também dos classificados online e das plataformas de intercâmbio de idiomas. Disponibilizaremos em nosso site cartilhas em PDF com as informações claras e organizadas, e iremos incentivar o compartilhamento online delas por email e WhatsApp, por exemplo. Essas cartilhas também serão impressas e entregues em escolas e associações de moradores em comunidades. Além disso, teremos palestras virtuais a cada dois meses, nas quais teremos especialistas voluntários falando sobre o tema e explicando como identificar os sinais de perigo. Além disso, ofereceremos, bimestralmente, palestra online sobre o assunto.

Campanhas físicas

Além das campanhas online, também realizaremos campanhas físicas. Apesar da grande subnotificação, os dados que temos a respeito do tráfico sexual no Brasil nos permite identificar quais são as áreas onde há mais riscos de mulheres se tornarem vítimas, e, dessa forma, conseguimos atribuir um foco maior nessas regiões, inicialmente.

Teremos representantes da ONG comparecendo às escolas para palestrar sobre o assunto. Esse trabalho será feito por voluntários treinados pela nossa equipe. Essas conversas nas escolas ocorrerão de três formas: com os alunos, com os pais e com os professores e funcionários. Com os alunos, conversaremos dentro das salas de aula durante o horário escolar (ou em um auditório, caso a escola prefira). Com os pais, pediremos para que a escola convoque-os, para que

possamos estabelecer uma roda de conversa, explicar sobre o tráfico sexual e ensiná-los o que podem fazer para evitar que seus filhos fiquem expostos aos riscos, assim como mostrar a eles quais são os sinais de alerta aos quais devem ficar atentos. Já com os professores e funcionários, o intuito é treiná-los de forma a identificarem os alunos que podem estar em risco, e saberem como agir frente a essas situações. No primeiro ano, esse projeto será implementado nas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo. Serão cem (100) escolas em cada uma das cidades, totalizando duzentas (200) unidades. Esse projeto, conforme mencionado, será feito por voluntários. Serão dois voluntários e dois dias de palestra para cada escolas: um dia para os pais e para os funcionários, e um para os alunos.

Também oferecemos as cartilhas de prevenção impressas em associações de moradores de comunidades e em igrejas. Pessoas que residem em comunidades costumam ser mais vulneráveis economicamente, e, portanto, mais suscetíveis a aceitarem falsas promessas de trabalho no exterior, já que não encontram oportunidades locais de melhoria de vida. Já as igrejas são locais de ampla circulação de pessoas, e, portanto, apresentam uma ótima oportunidade para divulgação dessa informação.

Além disso, nossa ONG conta com especialistas no tema que estarão sempre disponíveis para participarem em mesas de discussão e atuarem como palestrantes em eventos, conforme demanda. Haverá em nosso site um campo de contato para requisição de representantes para esses casos, assim como estaremos ativamente buscando essas oportunidades, também, para que possamos falar sobre o tema e sobre táticas de prevenção.

5.2. Realizar campanhas contra a prostituição

Estamos comprometidos a fazer *advocacy* contra a prática da prostituição. Vincularemos ativamente às nossas campanhas online informações que a desencoraje. Nossas redes sociais serão veículo de informação e divulgação desse ponto de vista, e pretendemos conscientizar sobre os perigos que essas mulheres enfrentam e sobre os malefícios que a indústria acarreta em todos os níveis.

Estaremos atentos e prontos para reagir à qualquer legislação ou discussão pública que aborde esse tema.

5.3. Contribuir para a reinserção e dar suporte às vítimas que retornam do exterior

Acompanhamento psicológico profissional

Mulheres vítimas de escravidão sexual invariavelmente desenvolvem traumas. Elas atravessam um período em que a violência física e psicológica é extrema e constante, e, quando conseguem escapar e retornam aos seus países de origem, compreensivelmente precisam de tempo e ajuda profissional para que consigam processar o que aconteceu, assim como curar as feridas causadas pelas atrocidades às quais foram submetidas.

Nós contaremos com psicólogos e psiquiatras voluntários que irão tratar das vítimas do tráfico sexual. O ideal é que sejam ao menos 5 psicólogos e 2 psiquiatras disponíveis. Os atendimentos acontecerão nos próprios consultórios particulares ou clínicas em que os profissionais atendem, para o caso da vítima residir na mesma cidade que eles, e online, para quando não houver um profissional voluntário na cidade da vítima.

Para o caso de não haver nenhum psicólogo voluntário disponível na cidade da vítima, nem entre os voluntários fixos e nem após o contato com profissionais locais, e ela não se sentir confortável com as consultas online, ofereceremos reembolso pelas consultas que as vítimas fizerem de forma particular, mediante comprovante. O valor máximo e o tempo de tratamento irá variar dependendo do caso.

Suporte jurídico

O medo de retaliação e crimes de vingança é constante entre as vítimas que retornam do cárcere. Conforme mencionado anteriormente, as mulheres que vivem em países próximos aos quais foram traficadas normalmente lidam mais intensamente com essa questão do que as brasileiras, que costumam ser levadas do Brasil a outros continentes. Ainda assim, já que as organizações criminosas

atuam de forma internacional, os riscos ainda existem. Isso acaba fazendo com que poucas mulheres decidam processar e/ou testemunhar contra as pessoas e/ou entidades envolvidas no processo do tráfico. Não somente existe a questão do medo, como também, em muitos casos, o fato de que elas só querem deixar para trás esse trauma, ao invés de se envolverem em longas e emocionalmente exaustivas batalhas judiciais.

Ainda assim, existem mulheres que decidem ir à frente com as denúncias, e nós fazemos questão de dar todo o apoio possível a esses casos. Entendemos que é por meio de denúncias e processos judiciais que as autoridades conseguem chegar aos responsáveis pelos crimes e tomarem as devidas medidas legais, e conseguem, inclusive, evitar que outras pessoas passem pela mesma situação. Dessa forma, contaremos com pelo menos dois advogados voluntários que estarão dispostos a dar todo o apoio jurídico necessário às vítimas de exploração que buscarem essa assistência.

Suporte médico

Vítimas de exploração sexual invariavelmente sofrem violência física de alguma forma. Isso inclui lesões graves ocasionadas por agressão física, sintomas de desnutrição, infecções avançadas por falta de assistência médica e/ou falta de higiene, lesões graves no local de trabalho ou overdose de drogas (POLARIS, 2018), por exemplo, assim como, em alguns casos, precisam lidar com doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada (HUGHES, 2005).

Como há sistema de saúde pública e universal no Brasil, caso as mulheres que retornam ao país precisem de atendimento hospitalar emergencial e não tiverem uma pessoa de confiança que as acompanhe, teremos voluntários para o acompanhamento, caso cheguem pelo Rio de Janeiro ou São Paulo. Entendemos, no entanto, que como houve um espaço temporal entre o fim da exploração e o retorno ao país, nosso maior foco é no atendimento e acompanhamento clínico.

De forma similar ao que faremos com os profissionais direcionados ao cuidado com a saúde mental, contaremos com médicos voluntários que atenderão as vítimas sem custo em suas próprias clínicas e consultórios. Isso inclui, mas não está restrito a, ginecologistas, nutricionistas, cardiologistas e clínicos gerais.

Também de forma similar ao que ocorre com os psicólogos e psiquiatras, caso não consigamos acesso a um profissional que aceite atender a vítima de forma voluntária, oferecemos reembolso nas consultas.

Abrigo emergencial

Muitas mulheres, ao retornarem ao país, não têm para onde ir. Isso ocorre tanto por de fato não terem opção alguma de moradia, ou por chegarem ao Brasil por uma cidade que não seja um local onde possuem família ou amigos. Nestes casos, nós iremos buscar opções de abrigos que possam receber essas vítimas, e oferecer um local seguro onde possam permanecer até que encontrem uma moradia fixa.

Se houver casos em que não consigamos encontrar abrigos disponíveis, iremos alugar provisoriamente quartos ou apartamentos para os quais as mulheres possam se direcionar até que consigam se organizar de forma segura e satisfatória. O período de tempo e o local em questão serão discutidos em cada caso.

Aconselhamento profissional

As vítimas de tráfico sexual costumam enfrentar dificuldades econômicas quando retornam aos seus países de origem. Isso se dá por uma série de motivos: as próprias dificuldades socioeconômicas do país, o estigma social, as dificuldades psicológicas e psiquiátricas que enfrentam e a falta de qualificação profissional e/ou experiência técnica, por exemplo. Essas dificuldades representam, inclusive, risco de que as vítimas possam acabar sendo traficadas novamente (OIM, 2009). Buscando meios de ajudar na reinserção das mulheres no mercado de trabalho, traçamos uma parceria com o SENAC, instituição responsável por oferecer uma ampla gama de cursos profissionalizantes em todas as regiões do país. Nossa parceria vai garantir que as mulheres tenham acesso gratuito a esses cursos, e possam dar um passo à frente no que diz respeito a estabilidade financeira.

Teremos profissionais disponíveis para oferecer consultoria profissional às vítimas em todas as etapas que elas precisarem, e esperamos que isso, aliado aos

cursos do SENAC, possa ajudar as vítimas de exploração sexual a se reerguerem financeiramente após o retorno ao Brasil.

6. Parcerias

Nosso projeto contará com a parceria de três instituições: a CATW International (Coalition Against Trafficking in Women) e a Shared Hope International para mentoria e troca de experiência, e com o SENAC para (re)inserção das mulheres no mercado de trabalho.

A CAWT e a Shared Hope já atuam há muitos anos na luta contra o tráfico de mulheres, e, após contato com representantes, se mostraram absolutamente abertas a oferecerem consultoria e à troca de experiência durante a implementação de nosso projeto. Como são instituições com muita experiência na área, certamente esse apoio será imprescindível para que possamos garantir que nosso projeto atingirá seu pleno potencial. A criação de redes internacionais costuma ser benéfica na maior parte dos projetos sociais, em qualquer que seja a área, mas ela se torna ainda mais coerente e primordial quando o projeto social em questão busca combater um crime cuja principal característica reside no fato de atravessar fronteiras.

A Shared Hope International é uma organização que atua no combate ao tráfico sexual com base em três pilares: prevenção, restauração e busca por justiça. A prevenção ocorre por meio de treinamento, campanhas de conscientização e colaboração com outras organizações. A restauração se baseia no apoio a *safe houses*, assistência médica, educação, treinamento vocacional, terapia e serviços de extensão e intervenção para sobreviventes, e a busca por justiça é estabelecida, principalmente, por ações de advocacy (SHARED HOPE, c2020). A parceria com a Shared Hope terá foco principal no primeiro e terceiro objetivos específicos (campanhas de conscientização e acolhimento das vítimas que retornam ao país de origem).

Já a CATW é uma das mais antigas organizações internacionais que atuam no combate ao tráfico sexual e exploração de meninas e mulheres. O apoio da CAWT será especialmente importante no segundo objetivo específico, que é o do

desencorajamento da prática da prostituição - uma das grandes bandeiras da instituição. Para a organização:

"Seres humanos comprados e vendidos no comércio do sexo, que são principalmente mulheres, não devem ser criminalizados em nenhuma jurisdição por órgãos policiais ou governos. No entanto, [a ampla descriminalização da prostituição] viola os princípios de direitos humanos há muito estabelecidos, e os direitos das mulheres, em particular, incluindo o direito de viver uma vida livre de violência e com dignidade" (CAWT INTERNATIONAL, c2020).

Um dos projetos ativos, por exemplo, é uma carta aberta e petição para que a Anistia Internacional volte atrás na decisão de estabelecer advocacy a favor da completa descriminalização da prostituição, defendendo que isso, ao invés de proteger as populações mais marginalizadas e vulneráveis à exploração sexual, é responsável por proteger a indústria multibilionária que as atacam.

O SENAC, por sua vez, será primordial para a realocação das vítimas do tráfico no mercado de trabalho. Com sede em 1.800 municípios, em todas as regiões país, o SENAC é uma instituição privada cujo intuito é promover formação e qualificação profissional a adultos e jovens aprendizes no comércio de bens, serviços e turismo do país. Eles oferecem uma ampla gama de cursos, e a nossa parceria irá garantir que as mulheres possam participar dos cursos sem custo algum (SENAC, c2020)

7. Apoio Financeiro

O nosso projeto será financiado por duas organizações: a The Freedom Fund e NEO Philanthropy. O Freedom Fund é um dos líderes no movimento global para o fim da escravidão moderna, e eles são responsáveis pelo investimento nas linhas de frente mais eficazes para erradicar a prática. A instituição atua por meio do estabelecimento de parcerias com organizações de regiões onde a escravidão está altamente concentrada, e um desses "hotspots" é o Brasil (FREEDOM FUND, c2020). Encontramos no Freedom Fund, portanto, uma oportunidade de financiamento altamente alinhada com os nossos propósitos.

O foco deles, no Brasil, é em crianças e adolescentes; acreditamos, portanto, que um caminho coerente seja também buscar outra frente de financiamento, já que nosso projeto também é direcionado a mulheres adultas. A NEO Philanthropy há mais de trinta anos atua como intermediário entre financiadores e organizações não governamentais, preenchendo a lacuna que geralmente existe entre eles. Eles o fazem por meio de fundos colaborativos e patrocínios fiscais, por exemplo. A NEO projeta e lidera fundos colaborativos de doação em larga escala, conectando doadores e organizações cujos valores estejam alinhados, em projetos relacionados a justiça social e direitos humanos (NEO PHILANTHROPY, c2020).

8. Monitoramento e Avaliação

Para as campanhas nas redes sociais, tanto nas que divulgaremos informações sobre o tráfico sexual quanto nas que iremos desencorajar a prática da prostituição, utilizaremos os indicadores de engajamento das plataformas. Dessa forma, conseguimos medir o número de curtidas, comentários, compartilhamentos e *clicks* para nosso site, e, assim, entendemos o quão eficazes elas estão sendo e quantas pessoas estão sendo atingidas. No nosso site, em relação às cartilhas, iremos medir a quantidade de downloads em relação ao número de usuários que acessam.

Nas palestras das escolas, nós iremos acompanhar o interesse das pessoas por meio de ata de comparecimento. O engajamento será medido com base em um questionário que distribuiremos ao fim de cada uma delas, no qual os alunos, pais e funcionários responderão perguntas tanto sobre o tema quanto sobre o que eles acharam das palestras. Em relação às cartilhas que serão entregues em igrejas e associações de moradores, mediremos o interesse das pessoas por meio da quantidade de material que foi utilizado.

A forma de monitoramento no atendimento psicológico e médico será feito com base em *feedbacks* tanto das vítimas quanto dos médicos e/ou psicólogos. Entenderemos com as vítimas de que forma elas acreditam que o atendimento está

sendo importante para elas, e com os profissionais como eles acreditam que o tratamento está caminhando e até que ponto está sendo benéfico.

O suporte jurídico será monitorado com base na relação entre quantidade de mulheres que nos procuram e quantidade de mulheres que resolvem ir à frente com as acusações formais contra seus raptos e/ou qualquer outra pessoa ou entidade envolvida no processo do tráfico, assim como com base no resultado dos processos.

9. Orçamento

O custo total do nosso projeto, no primeiro ano, será de US\$ 76.540, e incluirá o salário dos funcionários que farão parte do projeto, a ajuda de custo para transporte e alimentação dos voluntários que atuarão nas escolas, o gasto com impressão de cartilhas e o fundo que será destinado a potenciais despesas com as vítimas, como reembolso de consultas médicas e aluguéis emergenciais.

Objetivo	Atividade	Período	Orçamento	
		Ano 1	Freedom Fund	NEOPhilanthropy
Equipe geral	Administração e financeiro	4.560	2.280	2.280
	Gerência	8.040	4.020	4.020
Aumento da conscientização	Impressão de cartilhas	5.000	2.500	2.500
	Ajuda de custo a voluntários	6.400	6.400	0
	Equipe: mídias sociais (2), especialista (1), treinamento (2)	22.800	11.400	11.400
Campanhas contra a prostituição	Equipe: mídias sociais (1), especialista (1)	9.120	4.560	4.560
Apoio à reinserção e suporte às vítimas	Fundo para despesas médicas e aluguel	11.500	0	11.500
	Equipe: consultoria (1), especialista (1)	9.120	4.560	4.560
Valor total		76.540	35.720	40.820

O projeto será realizado dentro da sede já existente da ONG Liberdade Brasil, o que anula custos iniciais com o espaço. Teremos onze (11) pessoas no nosso quadro de funcionários. Serão duas (2) pessoas encarregadas pelo treinamento de voluntários, três (3) encarregadas pelas mídias sociais e site, uma (1) encarregada por consultoria profissional, um (1) profissional na área financeira e administrativa, três (3) especialistas e um(a) (1) gerente geral de projeto. Todos receberão salário de US\$ 380 mensais, com exceção do(a) gerente, que receberá US\$ 670. Esses valores representam US\$ 53.640 no primeiro ano. A equipe será necessária para as atividades dos três objetivos específicos do projeto.

Em relação ao nosso objetivo de aumentar a conscientização, contaremos com voluntários para as palestras nas escolas, que serão treinados pela nossa equipe fixa. Eles não serão remunerados, mas receberão uma ajuda de custo de US\$ 8 por dia para transporte e alimentação. No primeiro ano, serão duzentas (200) escolas, cem (100) no Rio de Janeiro e cem (100) em São Paulo, dois dias por cada escola e dois voluntários em cada uma das palestras. Isso representa US\$ 6.400 por ano para a ajuda de custo dos voluntários.

Teremos, também, custo com a impressão das cartilhas que serão distribuídas nas escolas, igrejas e associações de moradores. Iremos imprimir 20.000 unidades no primeiro ano, o que representa um custo US\$ 5.000. Já no objetivo de apoio à reinserção e suporte às vítimas, teremos um fundo inicial de US\$ 11.500 destinado a potenciais despesas, como reembolso de consultas médicas e aluguel de apartamentos quando não houver abrigo disponível. Conforme mencionado, os funcionários irão atuar dentro dos três objetivos, incluindo o segundo (campanhas contra a prostituição), que não terá custos extras além do salário da equipe.

Referências Bibliográficas

CAWT International. **Coalition Against Trafficking in Women**, c2020. Stand Against Amnesty's Policy Decriminalizing Pimps, Brothel Owners, Sex Buyers. Disponível em: <<https://catwinternational.org/action/no-ai-policy-full-decriminalization-sex-trade/>>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

EUROSTAT. **Trafficking in Human Being**. Luxemburgo: Publications Office Of The European Union, 2015.

FREEDOM FUND. **The Freedom Fund**, c2020. What we do. Disponível em: <<https://freedomfund.org/about/what-we-do/>>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

HERZFELD, Beth. Slavery and gender: women's double exploitation. **Gender & Development**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 50-55, mar. 2002. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13552070215898>.

HUGHES, Donna M.. The "Natasha" Trade: The Transnational Shadow Market of Trafficking in Women. **Journal Of International Affairs: Shadow Economies: Promoting Prosperity or Undermining Stability?** (Spring 2000), Nova Iorque, v. 53, n. 2, p. 625-651, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24357768>. Acesso em: 22 jun. 2020.

International Labour Office (ILO). **Global estimates of modern slavery: Forced labour and forced marriage**. Genebra: Ilo Publications, 2017.

International Organization for Migration (OIM). **O Manual da OIM Sobre Assistência Directa às Vítimas de Tráfico**. Genebra: International Organization For Migration, 2009.

LATONERO, Mark. **Human Trafficking Online: The Role of Social Networking Sites and Online Classifieds**. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2045851>. Acesso em: 22 jun. 2020.

NEO PHILANTHROPY. **NEO Philanthropy**, c2020. About us. Disponível em: <https://neophilanthropy.org/about/>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Tráfico de Pessoas para Fins de Exploração Sexual**. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2005.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

POLARIS. **On-Ramps, Intersections, and Exit Routes: a Roadmap for Systems and Industries to Prevent and Disrupt Human Trafficking**. [s.i.]: Polaris, 2018.

SENAC. **Senac | Educação Profissional**, c2020. Página Inicial. Disponível em: <https://www.senac.br/>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

SHARED HOPE. **Shared Hope International**, c2020. Página Inicial. Disponível em: <https://sharedhope.org/>. Acesso em: 23 de jun. de 2020.

SHARED HOPE INTERNATIONAL. **Protected Innocence Challenge: a legal framework of protection for the nation's children**. Vancouver: Shared Hope International, 2015.

TZVETKOVA, Marina. NGO responses to trafficking in women. **Gender & Development**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 60-68, mar. 2002. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13552070215893>.

UNDOC. **Global Report on Trafficking in Persons 2018**. Viena: United Nations Publication, 2018.

UN Economic and Social Council. **Report of the Special Rapporteur on Violence against Women, its causes and consequences**, Ms. Radhika Coomaraswamy, COMMISSION ON HUMAN RIGHTS, E/CN.4/1997/47/Add.1
10 dez. 1996.